

HODAYOT. JÓIA DA LITERATURA QUMRÂNICA.

OS HINOS QUMRANICOS (1).

A). — PANORAMA SOCIAL — POLÍTICO — RELIGIOSO DO I SÉCULO DA ÉRA CRISTÃ.

1). — Yohanan Ben Hatlaia. Encontro com o Batista.

Rua estreita e sombria de Jerusalém. Ruído de vozes, gritos de animais. Burrinhos sobrecarregados sobem as ruas de largos degraus, num esfôrço que lhes verga as pernas finas e, de passagem, esbarram os transeuntes. De quando em vez, um arco se projeta para o outro lado da rua, unindo casas e armazéns, num aglomerado difícil de identificar. À porta de uma loja, um jovem interrompe um instante o trabalho. Seu olhar melancólico dirige-se para a Esplanada do Templo. Que estará vendo? em que pensa? que é que o preocupa?

— “Shalom, Yohanan. Que há com você? Parece triste...”.

— “Triste não, Yohanan Ben Zahariáh, preocupado apenas. E acho que você também não está satisfeito com o atual estado das coisas. Resolvi liquidar meu negócio de tinturaria, abandonar Jerusalém e buscar um pouco de “ar puro”, às margens do Mar Morto, entre os essênios. Ando profundamente decepcionado com a piedade formalista dos fariseus, escandalizado com a vida fácil do clero saduceu. Não suporto continuar a viver por mais tempo sob o jugo do invasor romano, com quem colabora uma parte do povo, os herodianos”.

Enquanto Yohanan Ben Hatlaia assim falava, seu amigo quedou-se pensativo, a refletir sôbre aquelas palavras. De fato, bem definidos estavam, no Estado, os dois partidos, os sadu-

(1) — Este trabalho representa simples compilação de documentos, cuja análise, obedecendo a plano pré-estabelecido, concretizou sua realização.

ceus e os fariseus, além de um terceiro que era, antes, uma seita religiosa: os essênios. Os primeiros voltavam-se para o Templo, centro de instrução e de culto; recrutavam-se, principalmente, entre o clero, a aristocracia e os senhores de terras e apoiavam a monarquia absoluta, investida nos Sumos Sacerdotes hereditários. Eram conhecidos pelo nome de **zadukin** ou saduceus, da casa sacerdotal de Zadok, antepassado dos asmoneus. Os **perushim** ou fariseus, isto é, dissidentes, ao contrário, buscavam esclarecimento onde quer que pudesse ser encontrado; aliciavam-se na classe média e baixa e eram de tendências democráticas. Provavelmente, a diferença entre as seitas era mais política que religiosa, na origem, em relação ao método de interpretação da Lei. Aquêles achavam que o essencial consistia na preservação do “Estado”, enquanto que os fariseus colocavam o “Povo” acima do Estado. Para os essênios, seita semi-monástica dessa época, que nenhum papel desempenhava na vida política, o essencial era o “homem”, o indivíduo, que deve buscar a pureza da alma, a honestidade, os bons costumes.

A situação política se agravava. O povo sentia, cada vez mais, o peso da dominação estrangeira. Embora residisse em Cesaréia, o Procurador Romano vinha a Jerusalém por ocasião das grandes festas, como **Pessah, Shavcot** e **Sucot**. Instalava-se na magnífica fortaleza Antônia, ao lado do Templo e suas legiões ficavam alertas a fim de impedir qualquer insurreição contra o poder romano. Observavam, então, a vida judaica e os costumes religiosos que lhes pareciam tão estranhos, incompreensíveis mesmo. Admiravam-se sobremaneira dêsses homens que invocavam um Deus que não viam, num Templo sem imagens, sem as figuras e estátuas que enchiam os santuários gregos e romanos.

E como eram mal vistos êsses estrangeiros que ninguém convidara para tais ocasiões!... Aliás, havia animosidade recíproca. Pesados impostos se exigiam para o César Romano e para os governadores da Judéia. E para exacerbá-los ainda mais, os soldados de Pôncio Pilatos percorriam as ruas de Jerusalém, levando os estandartes romanos com a imagem do Imperador, ferindo, assim profundamente, o sentimento religioso do povo, na Cidade Santa.

2). — Diálogo entre jovens idealistas.

Conversando, os dois jovens se dirigem para o Templo. Não é mais o Templo de Salomão, cujo esplendor vem narrado no

livro dos Reis (I Reis 5, 6 a 8) e que fôra arrasado, em 586, nem o “segundo Templo” reconstruído por Zorobabel, após o exílio. Este, embora muito mais modesto que a obra-prima de Salomão foi sempre caro ao coração do judeu, como símbolo da ressurreição nacional e também centro de resistência contra os pagãos. Judas Macabeu purificou-o, depois de Antíoco Epifânio; restaurou-o como pôde, procurando ocultar-lhe a vetustez e a relativa pobreza. O Templo que os jovens freqüentavam é recente e ainda não completamente terminado. Ironia do destino! Só ficará pronto em 64, isto é, 6 anos apenas antes de ser novamente, e para sempre, destruído. Este terceiro Templo é o de Herodes, que o rei idumeu mandou construir para rivalizar com o de Salomão. Dobrou a superfície da esplanada do Moriáh com aterros audaciosos, mobilizando milhares de operários, não medindo sacrifícios a fim de que se realizasse a profecia de Ageu:

“A glória da última morada será maior que a da primeira”. (Ageu II 9).

Seu aspecto é, sem dúvida, majestoso. Algo de possante e pesado lembra as construções babilônicas. O santuário propriamente dito é greco-romano, mais romano que grego. O plano, grosso modo, é o de Salomão.

Os dois Yohanan, depois de atravessarem a ponte do Ti-ropeion, chegam à esplanada, por uma das quatro portas que se abrem nas muralhas, a oeste. Penetram no recinto dos pagãos. Que balbúrdia! Há de tudo lá. Ociosos que conversam para matar o tempo, negociantes e agiotas, vendedores de animais para o sacrifício, leprosos curados chamam o freguês e também Doutores da Lei que fazem seus discursos, atentamente ouvidos pelos discípulos.

Os jovens não sobem até o santuário propriamente dito, mas dirigem-se para a Porta Dourada que se abre no Pórtico de Salomão, formado por uma tríplice fileira de 268 colunas.

Ali se detêm alguns instantes e, pensativos, contemplam o Monte das Oliveiras e o Vale do Cedrão. Depois de longo e significativo silêncio, Yohanan Ben Zahariáh exclama decidido:

— “Você tem razão. Eu também o seguirei!”

E naquele dia, a comunidade dos essênios ganhou mais dois membros...

3). — De Jerusalém ao Mar Morto.

No inverno de 27, os ardentes candidatos deixam Jerusalém, pela mesma Porta Dourada. Descem a encosta oriental até o vale do Cedrão, onde corre modesto riacho. Pouca chuva, nesse inverno. Deixando, à esquerda, o Monte das Oliveiras, tomam a estrada de Jericó. Após algum tempo de marcha, encontram-se em pleno deserto. Solidão, silêncio... Nada dizem; é, porém, nostálgico o derradeiro olhar que lançam a Jerusalém. Como lhes parece ameaçador o futuro da Cidade Santa! Apressam-se, pois querem passar a noite em Jericó. Depois das onduladas colinas de Judá, tão eloqüentes na sua árida nudez, chegam ao Wadi Kosba (ou Kuziba), hoje Wadi el Quelt. À esquerda, o fértil oásis de Jericó, onde pernoitam em casa de amigos.

Na manhã seguinte, com o sol, deixam para trás a terra onde “corre o leite e o mel”, dirigindo-se obliquamente para o sul, em direção ao Mar Morto. Perto da embocadura do Jordão, avistam a mancha verde do Papyrion, pântano, cujos arbustos são utilizados na fabricação das tiras de papiro de que se servem os escribas.

Tudo calmo. Nenhum ser vivo parece habitar aquelas paragens solitárias. À margem do Mar Morto, os jovens fazem uma parada e contemplam o “mais curioso dos mares”. A região que o cerca é particularmente desoladora e foi arguto psicólogo o autor sagrado, quando fêz dela o pano de fundo topográfico para descrever o terrível castigo dos céus sobre as cidades pecadoras. À medida que se desce para o sul, a paisagem se torna mais desértica ainda, culminando no extremo meridional. Os fantásticos perfis das montanhas de sal, imitando caprichosas agulhas, assemelham-se, às vezes, a figuras humanas. A “mulher de Ló” ainda lá está imobilizada na sua curiosidade...

Ocupando a parte mais profunda do grande vale que vem desde as encostas meridionais do Monte Hermon, ao norte, para terminar no gólgo de Akaba, ao sul, o Mar Morto tem a forma de um pepino, levemente recurvado, com o dorso voltado para o Mediterrâneo. Prolongamento natural do vale do Jordão, o Mar Morto tem 80 km de extensão, por 16 de largura. Suas águas estão a 394 metros abaixo das do Mediterrâneo. Dividindo-o desigualmente, acha-se a península Ha Lashon, El Lissân, isto é, a língua. Outrora, ligava-se à margem ocidental e os beduinos de Kerak, cidade das montanhas

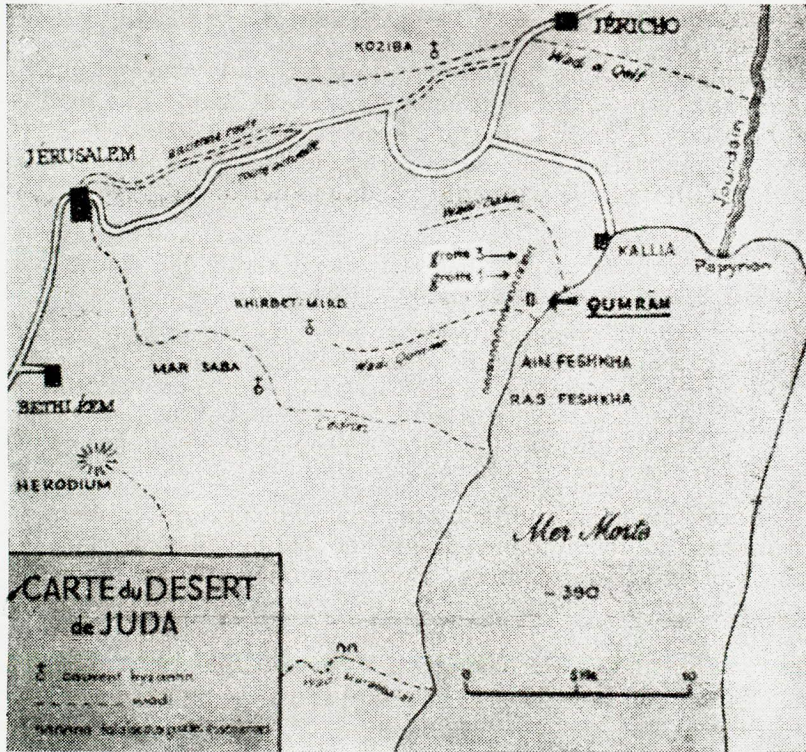


Fig. 1. — Mapa do Deserto de Judá. Apud Bible et Terre Sainte, julho de 1957, n.º 4, pág. 5.

de Moab, quando iam a Hebron, Belém ou Jerusalém, atravessavam diretamente pela ponta da “língua”. A região oriental do lago forma as conhecidas e bíblicas montanhas de Moab, a que freqüentemente se alude nos textos sagrados.

Depois de atravessarem o Wadi Daber, vão acompanhando um chapadão do planalto de Judá que cai, quase a pique, para o nível do Mar Morto, numa diferença de 350 metros. À primeira vista, tôda a região parece estéril por causa da sedimentação de sais oriundos das águas que, em remotas éras, cobriam todo o vale do Jordão. Um pouco ao sul, há uma fonte de água com sabor sulfuroso, é Ain Fechkáh e, em direção ao centro, uma pequena torrente que leva o nome de Qumrán.

Involuntariamente, os olhos dos jovens se voltam curiosos para as numerosas grutas que perfuram a pedra calcária da-

queelas escarpas. A natureza, ali, criara numerosas grutas de paredes rochosas, cujas irregulares janelas se abrem para a amplidão do Lago Salgado.

À medida que se aproximam do término da viagem, nossos candidatos vão caminhando mais lentamente, como que medindo com os passos, a importância do passo que vão dar. Para quebrar um silêncio que se ia tornando pesado, Yohanan Ben Hatlaia interpela jovialmente o companheiro:

— “Você sabe como se chama êste lago?” — Ante a surpresa de seu olhar, solta alegre risada que carrega boa dose de sua preocupação, e exclama:

— “Tem uma série de nomes, cada qual mais expressivo do que o outro — Mar Salgado, Yam Hamelah, Mar do Deserto, Mar da Solidão, Mar das Estepes, Yam Haarâbâb (2), Mar do Oriente, Mar Oriental, Yam Hakadmôni, Mar de Sodoma (3), Mar Asfáltico, Mar Morto, Lago Nauseante, Mar do Diabo, Bahr el-Lût ou Mar de Lô...” (4).

Interrompeu-se, súbitamente. Diante das grutas, acabam de vislumbrar vultos humanos que se movem devagar. Seriam êsses os eremitas de Qumrân? Sobem, então, até um terraço e por uma vereda cheia de curvas, atravessam um cemitério. Os túmulos, simples amontoado de pedras, denotam comovedora simplicidade. De passagem, observam que êsses túmulos não têm a habitual direção este-oeste, mas a norte-sul, o que êles ainda não haviam encontrado.

Uma grande esplanada limitada por um muro separa o domínio dos mortos do dos vivos. Lá adiante, vêem a fumaça que sai de um forno de oleiro de cerâmica: à direita, o muro do edifício central é dominado por uma torre de dois andares. Os jovens passam ao norte dessas construções e vão bater à porta do mosteiro.

4). — Qumrân. Iniciação dos candidatos.

Um monge vem atendê-los. E' o encarregado de acolher os candidatos; chamam-no “Inspetor”. Sua fisionomia revela o contemplativo, seus gestos são calmos, suas palavras bondosas e ponderadas. Não parece ter atingido os 50 anos e, se o

(2). — Dt. 3, 17; Núm. 34, 3. 12; Jos. 3, 16; 12, 3; 15, 2. 5; 18, 19.

(3). — Talmud.

(4). — Nomes do Mar Morto. Cf. Abel: “Géographie de la Palestine”, t. I, pág. 498-505.



Fig. 2. — Planta do mosteiro dos essênios. Apud Fêtes et saisons, dezembro de 1957, n.º 120, pág. 8.

olhar traduz a serenidade do ancião, o corpo é forte e musculoso.

“**Beruhim habaim**”, exclama ao ver os rapazes.

Inteirado do motivo que os trouxe à Qumrân, quer, antes de tudo, fazer-lhes visitar o mosteiro.

Logo que entram, dirigem-se primeiramente para os núcleos industriais. Transpõem um canal sêco e uma cisterna de água estagnada. E’ hora do trabalho. Tôda a comunidade está ocupada. Ao longe, para o sul, distinguem um oásis com suas palmeiras e seus campos.

— “E’ de lá que nos vem o trigo, explica o Inspetor. Estão vendo os moinhos de basalto? Justamente moem o trigo agora. Observem as duas barras transversais que dois homens, colocados na ponta, empurram lentamente. Ao lado, o pequeno edifício de forma cônica, é o forno de assar pão.

Vejam, acabam de retirar as tortas redondas de pão ázimo”.

Aqui e acolá, vêem silos onde se guardam tâmaras e figos. Quebrando o silêncio, ouvem o ornejar de um burro, na cocheira próxima.

Deixando, à direita, o “barro industrial”, nossos amigos penetram, por uma majetosa porta cujos batentes são de pedra de cantaria, na parte principal do mosteiro, no edifício central. Acham-se diante da Sala do Conselho. À porta de entrada, um recipiente que se enche pelo lado de fora, está repleto de água.

— “Esta água serve para as abluções, explica o guia, e nesta sala se reúne o Conselho da Comunidade. Compõe-se êle de homens que se distinguem pelas suas virtudes, suas funções ou sua qualidade sacerdotal. Integra o Conselho, o Colégio da Comunidade, composto de 12 leigos, representando as 12 tribos, e 3 sacerdotes. E’ o Comitê supremo, que deve zelar pelo bem de nossa comunidade e realizar o ideal de perfeição que é a finalidade da comunidade”.

Como não era hora de reunião, puderam penetrar no recinto da sala. Uma banquetta baixa acompanha as paredes laterais.

— “Ali se assenta o Conselho da Comunidade, isto é. os membros da hierarquia, filhos de Aarão e também os

leigos que tomam parte ativa nas deliberações de ordem legislativa e judiciária”.

Retirando, então, de uma dobra da túnica, um pequeno rôlo de 8 cm. mais ou menos, o Inspetor o desenrola e lê:

— “No conselho da Comunidade há 12 leigos e 3 sacerdotes, tendo o conhecimento integral de tudo o que é revelado pela Torá: praticam a verdade, a justiça, o direito, a caridade fraterna e têm uma conduta modesta para com o próximo”. (**Regra da Comunidade**, VIII 1, 3, 14).

— “Porque 12, mais 3 membros”, indaga Ben Hatlaia.

— “E” que êsses 15 conselheiros representam as 12 tribos de Israel dos últimos tempos e os 3, sacerdotes oriundos dos filhos de Aarão: Qehat, Ghershon e Merari”.

Da Sala do Conselho sobem para o andar superior e penetram numa sala ampla e retangular. No centro, duas longas mesas de tijolos cobertos de gesso. À direita, observam uma mesa menor, com uma dezena de cálamos de caniço e vários tinteiros cilíndricos. Nelas se vêem igualmente, alguns alvéolos cheios de água. Ao longo da parede, uma série de rolos envolvidos em linho; outros manuscritos estão encerrados em caixas, ou em jarros de barro, de boca larga. Diante da mesa, numerosos escribas estão inclinados sobre longas tiras de couro, ou de papiro. De vez em quando, levantam-se e vão purificar os dedos na água dos alvéolos e depois retornam silenciosamente ao trabalho. A presença dos visitantes não os distrai.

Saindo do **Scriptorium**, sobem para um amplo terraço.

— “Para quê tantos rolos?”

— “Como viram, êsses Irmãos fazem cópias dos Livros Sagrados, ou de obras compostas por outros membros da Comunidade. E’ um officio religioso, uma verdadeira oração. Cada vez que devem escrever o Nome Inefável, purificam-se os dedos. Os rolos servem para o serviço litúrgico da Comunidade e também são enviados aos que nô-los encomendam. E’ também um meio de ganhar a vida. Nossa disciplina, prossegue o monge essênio, exige o trabalho, quer manual, quer intelectual. Cada um dá o que pode; dá o máximo e pede o mínimo”.

Antes de descerem ao andar térreo, os três contemplam um instante os montes de Moab, naquela hora crepuscular. Espetáculo maravilhoso. As águas do Mar Morto refletem os mil cambiantes da luz que envolve os montes, de véus tenuíssimos.

— “Vamos, diz o monge. Cai o dia. Temos que nos apressar, se quiserem assistir à reunião da Comunidade”.

Descem, pois, pela mesma escada e, por um longo corredor, chegam ao pátio central. À esquerda está a cozinha, onde se distinguem, na penumbra, marmitas, terrinas, jarros e potes. No chão, vários braseiros de pedra. Sôbre o fogo, um guisado cozinha lentamente, para o jantar. De volta ao pátio interno, os visitantes são interpelados por alguns monges que lá se achavam.

— “Qual era a tua profissão no mundo?” — perguntam a Yohanam Ben Hatlaia, **Zikronam livrakah!**

— “Sou tintureiro, como meu pai e meu avô —!”

— “Ótimo, então. Nosso Irmão tintureiro está ficando velho; você poderá ajudá-lo e depois substituí-lo”.

Com olhar entendido, Ben Hatlaia observa a modesta instalação: vários jarros cheios de tinta e outros instrumentos de trabalho. Num gesto espontâneo, de grande significado para o futuro, Ben Hatlaia toma um pauzinho, mergulha-o na tinta, e assina o seu nome sôbre um dos jarros (depois encontrado entre as ruínas). Era como que a sua adesão àquela nova vida.

O grupo de monges se dispersou. Nossos amigos sentam-se no chão e interrogam o bondoso guia.

— “Pai, há quanto tempo estão aqui instalados?”

— “Esta é a 6a. geração, desde que o Mestre de Justiça, com alguns sacerdotes e leigos, deixaram Jerusalém para se estabelecerem neste deserto. Então, nosso mosteiro passou por várias calamidades: perseguição, incêndio, terremoto. A tudo vem resistindo, porque Adonai nos assiste”.

— “Ouvi dizer que há outros grupos religiosos como este. Onde se encontram?”

— “De fato, nós não somos os únicos a viver dêste ideal. Há na Palestina (5) e até no Egito, outras comunidades como a nossa, quer nas cidades, quer em lugares retirados. Formam associações compostas no mínimo de 10 membros, vivendo, como nós, em perfeita comunhão de espírito e de bens; são verdadeiros centros de vida espiritual e mística. Todavia, Qumrán é o centro principal, uma espécie de Casa Matriz”.

(5). — Philon, Dans Eusèbe. Pr. ev. VIII, 11, 1. Flávio Josefo, B. J., II, 8, 3, § 124.



Fig. 3. — Jarro com a assinatura de Ben Hatlaia. Apud Bible et Terre Sainte, julho de 1957, n.º 4, pág. 12.

Desta vez, é Yohanan Ben Zahariáh quem interroga o monge:

— “Pai, e qual é o ideal da grande comunidade essênica? De onde lhe vem êsse nome?”

— “Essênio (6) quer dizer “silencioso”, pelo menos foi o que me explicaram. Mas não nos preocupamos com nomes e etimologias. Buscamos a Vida, a Verdade. Nosso ideal de perfeição nos prescreve:

1. A Caridade fraterna, levada até os extremos (**Regra** 5, 24; 6, 1) e impõe sérios castigos aos faltosos (**Regra**, 6, 25-27; VII 2, 10; 15, 18).
2. O Culto da Lei — Procuramos pôr em prática a ordem dada pelo Altíssimo a Josué (**Jos.**, 1, 8) e viver da bem-aventurança anunciada pelo salmista (**Sl.**, 1, 2). O estudo da Lei jamais deve cessar. De dia e de noite, nós nos revezamos de 3 em 3 horas para ler o Livro e estudar o Direito (**Regra**, 6, 6-8).
3. Celebração do Sábado e dos Tempos Sagrados — Para honrar o dia do Senhor, nossas prescrições são mais severas que as rabinicas.
4. Desapêgo das riquezas e dos bens sensíveis para que “o nosso coração encontre prazer na Santa Aliança e que a verdade encha nossas almas de delícias”. (**Hino R. X**, 29, 31).

— “Belo, magnífico ideal!” exclama Ben Hatlaia entusiasmado.

Levantam-se, então, e continuam a visita. Ei-los agora num pátio menor, onde trabalha Eleazar, o Mestre Oleiro. Dois meninos amassam com os pés, a argila que será depois colocada numa cuba profunda, ao lado de Mestre Eleazar. Êste, sentado sôbre uma pedra, faz girar a roda com os pés.

— “Shalom, Eleazar. Muito serviço hoje?”

— “O trabalho rendeu. Hoje, fabricamos êstes pequenos recipientes, tijelas, gamelas e pratos. Vejam, vão agora para queimar, naquele fôrno. O outro maior, ao lado, está hoje apagado. Serve para a queima de peças grandes como os jarros”.

— “Desculpem-me a curiosidade, Mestre. Mas por que tantos objetos, tantos jarros? Acaso não trabalham só para as necessidades do mosteiro?”

(6). — A etimologia do nome “essênio” *essaioi*, *essenoi* é discutida: os “puros”, os “santos”, os “silenciosos”.

— “Engana-se, meu amigo. Fabricamos igualmente esta cerâmica para outras coletividades e também a vendemos em Jerusalém. É um trabalho como outro qualquer”.

No horizonte, bruscamente, quase sem crepúsculo, o sol desaparece atrás dos penedos do deserto de Judá. Os operários deixam o trabalho, os escribas descem do **Scriptorium**. Reunem-se todos em pequenos grupos e, lentamente, recitando orações, descem às piscinas, para as grandes abluções.

— “Meus amigos, preciso deixá-los agora. Estejam à vontade. Ainda não lhes é permitido participar das abluções, nem da reunião que vai começar. Podem, contudo, olhar da porta, para seguirem todos os detalhes. Fiquem do lado de fora, com os postulantes e os exco-mungados”.

Os pátios, havia pouco cheios, esvaziam-se rapidamente. Os monges dirigem-se para a Sala de Reunião que apresenta um aspecto curioso. A metade oriental é coberta por um telhado, ao passo que a do lado oposto fica ao ar livre. Nossos jovens observam que, ao entrar, cada monge tem o cuidado de fazer ainda uma rápida ablução, num grande vaso de calcário, colocado dentro da sala, à esquerda da porta. Reina completo silêncio. Os monges, de pé, estão voltados para Jerusalém. Entra, então, o monge-leitor que, subindo num pequeno estrado, começa o ofício. Abre o rôlo dos Salmos de Davi, que lê com voz grave e cantante. Segue-se a interpretação do texto sagrado, por um outro monge. Logo depois, elevam-se vibrantes, as vozes de toda a Comunidade, unida mais uma vez nas laudes ao Criador.

Ao canto, sucede um movimento bastante rápido, embora silencioso: todos se reúnem na parte coberta da sala e sentam-se para a refeição. O servente traz da cozinha e distribui nos pratos, as porções quentinhas. Quando terminam, são retirados os pratos e começa a distribuição das tortas, já preparadas. Enquanto isso, outros servem o vinho nas canecas de barro.

Então, o Sumo-Sacerdote levanta-se e recita uma longa bênção sobre o pão e o vinho. Profundamente recolhidos, os que participam da refeição consomem este dom de Deus.

Após alguns minutos, recomeça a procissão dos monges que se espalham pelos inúmeros cômodos do mosteiro e pela vizinhança.

Um pouco perplexos, Ben Hatlaia e Ben Zahariáh não sabem que fazer. Mas o bondoso Inspetor vem buscá-los e após servir-lhes uma frugal refeição, indica-lhes um lugar para passarem a noite.

Já estão decididos e amanhã serão recebidos, oficialmente, na Comunidade, para o tempo de provação, em que poderão participar, progressivamente, de todos os atos comunitários.

Conforme manda a Regra, foram primeiramente examinados pelo Inspetor que decidiu aceitá-los para o primeiro estágio, o “postulado”. A duração varia de 6 a 12 meses.

— “Se, ao cabo desse tempo vocês derem provas de aptidão à disciplina e à vida monástica, serão introduzidos na Comunidade, para mais dois anos de experiência. Durante esse período, não poderão ainda participar do banho ritual, chamado Purificação dos Rabbim, nem do Banquete dos Rabbim, reservados aos já iniciados. E, se após esse prazo, o voto do Conselho dos Rabbim lhes fôr favorável, vocês então serão membros de nossa Comunidade, “passando para a Aliança”.

5). — Vida monástica. Partida do Batista.

Alguns meses se passaram após a chegada dos dois Yohanan a Qumrán. Ardentes e zelosos, repartiam os dias entre o trabalho e a oração.

Certa manhã, Ben Zahariáh vai procurar o amigo, na oficina de tintureiro. Parece preocupado, porém decidido. Seu olhar é firme e resolutivo.

— “Haveri, vou partir. Minha vocação não é esta. Tenho uma missão a cumprir!”

— “Que Shadai o acompanhe e o assista!”

E naquela tarde, os dois amigos partiram para se separarem alguns quilômetros adiante. Ben Hatlaia regressou sozinho, profundamente impressionado pela chama que ardia nos olhos e no coração do amigo, que — ele bem o sentia — era chamado a uma grande missão.

Os dias se passaram e os meses também. Certa manhã, um beduíno que fazia o comércio entre Bezer e Jerusalém, de passagem por Qumrán, trouxe uma notícia que a todos entristeceu: Yohanan, cognominado o Batista, fôra prêso e tragicamente assassinado em Maqueronte. Os monges de Qumrán não

o haviam esquecido e, à tarde, na prece vespertina, seu nome foi lembrado.

Para Ben Hatlaia a vida continuava ativa e fervorosa, ocupado com o trabalho manual, a oração em comum, o estudo da lei mosaica e as refeições em comum que os Irmãos consumiam com grande frugalidade e escrupulosa pureza ritual, vestidos com uma túnica branca.

Embora hebreus, não ofereciam sacrifícios no Templo de Jerusalém, para onde enviavam só as oferendas. Abstinham-se de sacrifícios cruentos e faziam do estudo da Lei e do louvor do Senhor sua máxima ocupação.

Um dia, cheio de anos e de experiência, morre o bom monge que acolhera Yohanan. Foi enterrado perto do convento, no cemitério onde numerosas e pequenas tumbas se alinhavam, na mesma direção. No fundo da cova, o corpo foi colocado de costas, a cabeça voltada para o sul numa espécie de *loculus*, fechado por uma lage de pedra. Sôbre o túmulo, nenhum enfeite, nenhuma oferenda funerária.

Com o tempo, Yohanan Ben Hatlaia deixa seu trabalho de tintureiro para o qual se exigiam fôrças mais robustas. Dedicase, agora, mais totalmente ao estudo da Torá e ao louvor de Deus. De tôdas as orações que a Regra prescrevia, os Hinos de Ações de Graças tinham a sua preferênciã. Exprimiam a gratidão, a humildade, a imensa confiança em Deus, que lhe enchiam a alma. As inflamadas palavras do autor encontravam eco em seu coração que, apesar dos anos, nada perdia de seu calor e de seu entusiasmo pelo ideal de perfeição entrevisto em sua juventude.

6). — A situação política se agrava...

Corre o ano de 66. Mercadores que, de passagem, se hospedam em Qumrân, trazem notícias cada vez mais alarmantes e um belo dia estoura a revolta aberta, chefiada pelos zelotes.

Vespasiano, com suas legiões, pretende subjugar o país. O Galil, confiado a Flávio Josefo, cai nas mãos dos romanos. Com a morte de Nero, em 70, Vespasiano regressa a Roma, onde é coroado imperador. A seu filho Tito é confiada a sujeição definitiva da Judéia.

Em Jerusalém, os partidos não se entendem e a discórdia separa as fôrças. A juventude quer o prosseguimento da luta, mas os mais velhos, do partido dos fariseus, preferem a paz negociada. A guerra continua. A 9 de Av, Tishá be Av,

— Jerusalém é tomada e seu Templo consumido pelas chamas. Três anos depois, apesar da heróica resistência, todo o país é definitivamente subjogado.

Em Qumrán, o Conselho da Comunidade e o Colégio supremo, após dias de oração e múltiplas deliberações, resolvem a dispersão de todos os monges.

Deixarão aquelas paragens ameaçadas e irão levar para outros céus, as sementes da verdade que germinaram e floresceram naquelas terras. Abandonam tudo e procuram um lugar para ocultar os preciosos manuscritos que lhes alimentaram a piedade, durante tantos anos. Esperam retornar um dia e confiam no Senhor.

Os rochedos da região ocidental do Mar Morto, crivados de grutas naturais, ofereciam um esconderijo seguro. Ali foram eles depositados, às pressas, após serem envolvidos em pedaços de linho e colocados em grandes jarros. Guardado o Tesouro, dispersam-se os monges e... desaparecem.

Querem alguns que se tenham refugiado na Síria; nada de positivo se sabe. Essa e outras são meras hipóteses. O que é fora de dúvida, conforme revelam as ruínas do mosteiro, é que houve um incêndio e também combates, como indicam as flechas de ferro.

E os monges? morreram? fugiram? foram presos? — São perguntas que a história jamais elucidará.

E nosso amigo Yohanan? — Também desapareceu, legando à posteridade apenas o seu nome e a sua profissão. Com efeito, entre os objetos encontrados nas ruínas do mosteiro há o jarro sôbre o qual êle escrevera o próprio nome. Yohanan Ben Hatlaia não é um produto da fantasia. Numa determinada época da história, viveu naquela Comunidade Qumranita, citada por vários historiadores como Flávio José, Filão e Plínio, o Velho, como veremos mais adiante.

* *

B). — OS MANUSCRITOS DO MAR MORTO.

1). — 20 séculos depois...

Eis que vinte séculos após êstes acontecimentos, o Acaso intervém. Acaso, ou Providência?

Em 1947, alguns beduínos penetrando numa das numerosas grutas da região ocidental do Mar Morto, encontram jarras, algumas intactas, outras fragmentadas, contendo rolos de pergaminho, cuidadosamente envoltos em panos. Não é minha in-

tenção referir as várias peripécias por que passaram êsses e outros preciosos manuscritos, das mãos dos beduínos — cada vez mais ávidos de dinheiro quanto mais subia a cotação desses documentos, no campo científico — aos atuais possuidores.

E êsse capítulo não se fechou, dúvidas pairam. Há vários pontos que ainda não foram esclarecidos:

— Qual a relação que existe entre as grutas e as ruínas de Qumrân? — Podemos chamar de essênios os interessantes habitantes daquele mosteiro? — Qual o fundador da Comunidade? — Quem era êsse “Mestre de Justiça”? — E os kittim?

Pelo exame da cerâmica encontrada nas ruínas e nas grutas, parece hoje fora de dúvida, que estas foram senão habitadas, pelo menos freqüentadas pelos monges do convento. Pesquisas feitas de 1951 a 1956 levaram à conclusão de que Khirbet Qumrân deve ser considerado como o estabelecimento central de um grupo religioso que vivia disperso por cabanas, ou em grutas do deserto de Judá e se reunia no edifício central do Khirbet Qumrân para as assembléias, a oração em comum, as refeições da comunidade. O estabelecimento compunha-se de várias dependências, entre as quais se reconhece uma Sala de Reunião, uma grande cozinha, uma sala de 20 metros de comprimento, destinada provavelmente às assembléias e às refeições em comum, um escritório, etc... O abastecimento de água era feito com extremo cuidado. Fora do edifício maior, moinhos, um forno de pão, uma vasta necrópole com mais de mil túmulos. O terremoto da primavera de 31 a. C. prejudicou grandemente as construções.

E logo uma pergunta se impõe: Qual foi êsse grupo religioso que viveu às margens do Mar Morto, do fim do II século a. C. até a queda de Jerusalém, uma vida comunitária de pobreza e de ascese? Seriam os essênios? — E por que não?

De fato, todos os estudiosos que se ocuparam dos manuscritos de Qumrân admitem que os antigos habitantes dêsse lugar fôssem os essênios. Sòmente numa questão secundária não concordam êles, a saber: se os essênios de Qumrân devam identificar-se com os descritos pelos escritores antigos (Plínio, o Velho, Filão, Flávio Josefo) ou então devam distinguir-se dêles.

Vejam os que dizem êsses escritores abalizados e imparciais.

Plínio, o Velho, que viveu no I século da éra cristã (23-79) e que morreu vítima de sua curiosidade científica, após uma viagem à Palestina, assim se refere:

“Na margem ocidental do Mar Morto, a pequena distância da margem, vivem os essênios. Povo solitário e dos mais extraordinários, vivem sem mulher, sem amor, sem dinheiro, em companhia das palmeiras. Contudo, renovam-se regularmente e os adeptos lhes chegam numerosos. (*Historia Naturalis* — V, 17, 4)”.

Após o testemunho de um sábio romano, eis o que diz um teólogo judeu, Filão de Alexandria, nascido 20 anos antes da era cristã e falecido em 54 d. C.:

“Alguns judeus da Palestina são chamados essênios. São verdadeiros servos de Deus, não imolam animais, mas procuram tornar seus pensamentos verdadeiramente dignos de pessoas consagradas. Aplicam-se sèriamente à moral, orientando-se pelas leis de seus antepassados:... Estudam-nas constantemente. Têm apenas um celeiro para todos. Suas despesas são comuns, assim como suas vestes e alimentos. Tudo o que recebem como salário pelo trabalho de cada dia não guardam para si, mas põem-no em comum para a utilidade de todos” (*Apologia dos Judeus*, apud Eusébio de Cesaréia).

Flávio Josefo, grande historiador do I século (37-95), era um judeu da Palestina. Consta que na sua juventude passou uns tempos com um eremita judeu. Suas afirmações concordam com as de Filão e de Plínio, o Velho:

“A 5a. hora, mais ou menos 11 horas da manhã, os essênios lavam-se na água fria e depois dessa purificação, reúnem-se numa sala própria onde somente os iniciados podem penetrar. Eles próprios só entram nesse refeitório em estado de pureza completa, como num recinto sagrado... O sacerdote benze o alimento e a ninguém é permitido tocá-lo, antes da oração. Depois da refeição, reza-se novamente. Os que desejam ingressar na Comunidade não são logo admitidos. Aguardam um ano fora. Levam o mesmo gênero de vida e recebem uma tanga que vestem na hora do banho ritual, e uma veste branca. Aquêlê que depois de certo tempo der prova de temperança, é admitido a participar um pouco mais do gênero de vida, dos banhos que visam à purificação, mas não da refeição comunitária. E' ainda provado durante dois anos. Se, então, fôr julgado digno é aceito na comunidade, após ter feito em público juramentos terríveis. Manda a lei que o essênio, ao entrar, entregue à corporação tôda a sua fortuna. Estando tudo em comum, vivem como irmãos, de um único patrimônio. Aplicam-se com zêlo extraordinário à leitura das obras dos antigos, sobretudo das

que se referem à utilidade do corpo e da alma” (B. J., II 8, 7 § 137-139).

Aí está o testemunho da História. Além disso, os arqueólogos puderam determinar, com precisão, a história plurisecular desse mosteiro que a guerra judaica de 66-70 d. C. devia definitivamente arrasar. Foi mesmo possível datar os manuscritos descobertos nas grutas vizinhas, em jarros idênticos aos do mosteiro e ali ocultados pelos monges, quando a ameaça romana se tornara iminente. A última palavra é sempre da Arqueologia que tem também os “seus relógios” indicadores do tempo. São eles: a cerâmica, as moedas, a escrita e o carbono 14.

Como se sabe, a arte da cerâmica evolue rapidamente. O estilo de um jarro, sua forma, o material empregado, o modo de queimar, permitem a um arqueólogo datar, com muita precisão, uma peça de cerâmica.

A efígie gravada nas moedas muda conforme o soberano. Quando se encontram várias dessas moedas, podemos afirmar: os homens que delas se serviam viveram em tal época.

A escrita muda no decorrer dos séculos, a ortografia também e um especialista pode datar um texto com bastante exatidão.

E o carbono 14? Nestes últimos tempos, as descobertas de radioatividade vêm fornecendo uma indicação suplementar. Como se sabe, o organismo vivo contém duas variedades de carbono, que os sábios denominam carbono 12 e carbono 14. Enquanto o organismo está vivo, a proporção entre esses dois isótopos do carbono se mantém constante. Sobrevindo a morte, o carbono 14, que é radioativo, se neutraliza progressivamente em carbono 12. Calculando a proporção atual de carbono 12 e de carbono 14 em um dos pedaços de linho que envolvia os rolos, é possível determinar, aproximadamente, há quanto tempo o linho foi colhido e utilizado no tecido.

E’ evidente que estes diversos processos de datar não têm a mesma precisão, mas é interessante notar que, nas descobertas de Qumrân, eles convergem de modo impressionante: manuscritos, moedas, cerâmica e tecidos concordam em indicar que são do período que pode ir de 200 a. C. a 70 depois.

Que mais será necessário para nos convencer? Aliás, a identificação dos essênios com o grupo de Qumrân vem-se impondo cada vez mais e já é por muitos considerada como definitiva.

O que ainda permanece envôlto em dúvidas e mistério é o personagem que, tanto o “Comentário de Habacuc”, como o “Documento de Damasco”, chamam de “Mestre de Justiça”.

A muitas dúvidas se prestam igualmente os célebres *kit-tim* que alguns quiseram identificar com os romanos. O problema ainda permanece.

2). — **Importância da Biblioteca essênia.**

O ano de 1947 marcou, indubitavelmente uma data de magna importância na História, com a descoberta dos chamados “Manuscritos do Mar Morto”. Interessam por vários motivos. Antes de mais nada, pelo texto hebraico. Com efeito, Qumrân oferece-nos quase tôda a Bíblia hebraica em manuscritos anteriores a um milênio aos que até hoje possuíamos. Mas a contribuição mais considerável dos textos qumrânicos é dada ao estudo do judaísmo imediatamente anterior e contemporâneo da éra cristã.

A grande preocupação desses monges é a união com Deus. Para realizá-la, é mister, sim, a obediência à lei de Moisés e a pureza ritual, mas acima de tudo, o auxílio divino. A graça divina, deve-se o ingresso dos membros na comunidade. Deus elegeu-os pessoalmente e eles responderam com um ato livre e voluntário, persuadidos de que sòmente no lugar para onde Deus os chamara, podia-se adquirir o perfeito conhecimento dos “mistérios da Lei e dos Profetas, o calendário autêntico, as verdadeiras leis da pureza e da justiça”.

3). — **Conteúdo dos manuscritos.**

Podem ser distribuídos em 3 grupos: livros canônicos do Antigo Testamento, livros apócrifos e comentários.

1. Entre os **canônicos**, destaca-se um rôlo completo de Isaías (1 Q) e um fragmentário, os Salmos, o Deuteronômio, os pequenos Profetas, assim como todos os livros da Bíblia hebraica, com exceção do de Ester.

2. São chamados **apócrifos**, escritos anônimos, compostos por judeus piedosos — mas não inspirados — e por isso não figuram no cânon da Bíblia. Escritos nos três séculos que precederam nossa éra, refletem as crenças e as aspirações de determinados grupos de judeus. São por exemplo: o Livro dos Jubileus, o livro de Noé, o testamento de Levi, as palavras de Moisés e outro fragmento que poderia chamar-se Li-

vros dos Mistérios. Infelizmente, êsses livros apócrifos do Antigo Testamento são representados apenas por fragmentos.

Ao 3.º grupo pertencem escritos em língua hebraica, característicos da Comunidade. Seu interesse é considerável, porque nos dão a fisionomia da própria comunidade. Além disso, refletem um mundo que possui vários pontos de contacto com o do cristianismo primitivo e justificam, plenamente, o profundo interesse com que são estudados. O “Manual de Disciplina”, por exemplo, dá-nos a conhecer a vida da comunidade, confirmando e completando as parcas informações dos escribas antigos. O “Comentário de Habacuc” é uma acomodação das palavras proféticas à situação atravessada pela Comunidade. Há ainda os Comentários de Miquéias, de Sofonias e dos Salmos, os Hinos de Ação de Graças, a Guerra dos Filhos da Luz contra os Filhos das Trevas (ou Regulamento da Guerra).

E aqui termina esta aventura maravilhosa que bem poderia ser chamada: “o Beduíno, o Sapateiro e o Bispo”. O beduíno, qual bom Pastor da parábola, procurando sua ovelha, descobre um tesouro, cujo valor real ignora. Em Belém, vende-o a um sapateiro cristão. Êste, leigo no assunto, recorre a seu bispo que o compra. Mas, como lê-lo? Não era nem árabe, nem siríaco, como pensavam, mas hebraico.

E desde então, êsses e outros manuscritos correram mundo, atraindo a atenção de sábios e de leigos, maravilhados com as preciosas descobertas. Não foram feitas apenas em Qumrân, mas também em localidades próximas, como as 4 cavernas de Murabaat, ao sul, e o mosteiro de Khirbet Mird, ao oeste. Destas, porém, Qumrân é a mais importante, quer pelo número dos manuscritos, quer pela sua notável contribuição à causa da Bíblia.

* *

C). — OS HINOS DE AÇÕES DE GRAÇAS, JÓIA DA LITERATURA DE QUMRÂN.

1). — Histórico.

O rôlo das **Hodayot** foi encontrado na gruta n.º 1 de Qumrân e alguns fragmentos na gruta n.º 4, e integralmente publicado numa obra póstuma de E. L. Sukenik: *’Wss hongulwt hgnwzwt* — Jerusalém, 1954.

Achava-se o rôlo em duas partes separadas, uma de 3 tiras de couro, de 4 colunas cada; a outra era um aglomerado de mais de 70 fragmentos, alguns dos quais permitem recons-

tituir, parcialmente, outras colunas. Esses diversos textos, colunas, ou fragmentos, indicam, claramente, que houve dois escribas. Um era calígrafo cuidadoso e perito; o outro, um copista de escrita grosseira e, em geral, pouco cuidadoso em separar as palavras. As colunas mais bem conservadas têm de 35 a 41 linhas. A parte superior de tôdas já não existe e a de baixo, só em parte é conservada em algumas colunas. E', portanto, impossível determinar com precisão o número exato de linhas de cada coluna. Além disso, as inúmeras lacunas abertas pela ação do tempo e pelas mordidas dos animais, tornam a interpretação do texto bastante difícil. Há, porém, partes consideráveis intactas; por elas podemos verificar que os escribas tiveram o cuidado de corrigir certo número de erros que lhes haviam escapado.



Fig. 4 — Parte interna da coluna III dos Hinos. Segundo E. L. Sukenik, in *Osar ha-megillôt ha-genuzôt*, pl. 37. Apud *Fêtes et Saisons*, dezembro de 1957, n.º 120, págs. 17.

2). — Gênero literário e estilo.

A maioria dos Hinos começa com as palavras — 'Wdkh 'dwy — “eu te dou graças, Adonai”. Um apenas (X, 14) (7) começa por Brwk 'th 'dwny “bendito sejas tu, Adonai”. Por isso, o professor Sukenik deu a êste rôlo o nome de Hodayot ações de graças, ou simplesmente Hinos.

Parece ter sido a obra mais venerada e mais clássica da seita de Qumrân. No manuscrito da “Guerra dos Filhos da Luz”, diz-se que nas horas graves e solenes que precederão imediatamente a batalha contra Belial e seus adeptos, o Sumo Sacerdote deverá ler, além de outros, os Hinos de Ações de graças — **Hodayot**.

Os Hinos apresentam incontestável analogia com os Salmos canônicos, principalmente com os que exprimem sentimentos de gratidão. Dêles, porém, diferem, pela diversidade dos temas. São, ao mesmo tempo, elevações e confissões, cujo lirismo se inspira tanto nos Salmos, como em Jeremias, nas Lamentações e em Jó.

O **estilo** é individual. O **eu** é constantemente empregado. Há apenas 4 exceções (**Frag.**, 10, 1.2, 6, 7) (**Frag.**, 18, 1.2) (**Frag.**, 47 1.1) (**Frag.**, 55, 1.2) em que aparece o **nós**, designando a Comunidade.

Em certas passagens o **eu** parece referir-se a um membro da Comunidade; as mais das vêzes, porém, designa determinada personalidade, particularmente forte e poderosa. O autor refere suas próprias experiências, acontecimentos de sua vida e o papel extraordinariamente importante que lhe cabe na Comunidade. Pelo seu conteúdo, os Hinos tinham valor de edificação, sem serem propriamente um livro de “exercícios espirituais”. Contudo, êsse aspecto didático não deve fazer esquecer o caráter lírico que lhe é essencial.

A vida do essênio era, com efeito, tôda consagrada ao louvor de Deus, conforme lemos no Manual de Disciplina (X 9):

“Com discernimento, cantarei, e tôda a minha música há-de cantar a glória de Deus. A minha lira e a minha harpa cantarão as suas Santas Leis e, com a flauta dos meus lábios, hei-de exaltar as regras da Sua justiça”.

Dia e noite, o essênio louva a Deus; dia e noite, de seus lábios e de seu coração, sobem a Deus hinos de ações de graças:

(7). — Coluna X, linha 14.

“Com a vinda do dia e da noite entrarei na Aliança de Deus; e quando desaparecerem a tarde e a manhã, celebrarei os seus decretos, os quais, enquanto existirem, tomarei por limite a fim de nunca dêles me afastar” (**Hodayot**).

As **Hodayot** são, por excelência, o testemunho dêsse fervor lírico. Aliás, tal lirismo espiritual que se traduz em Hinos de Ações de graças não era estranho aos próprios “terapeutas”, ascetas judeus que têm muitos pontos de contacto com os essênios e que talvez representem um ramo exilado no Egito, conforme o testemunho de Filão, em **De Vita Contemplativa**.

A alma cristã primitiva transbordava, igualmente, de cânticos de ação de graça, como o atestam as palavras de São Paulo:

“Enchei-vos do Espírito; recitai entre vós salmos, hinos e cânticos espirituais, cantando e louvando ao Senhor em vossos corações dando sempre graças, por tudo, a Deus Pai, em nome de Nosso Senhor Jesus Cristo” (**Ef.**, 5, 18 a 20).

3). — Doutrina dos Hinos.

Quem quiser penetrar no coração do sistema teológico essênio há-de ler com atenção, além dos Hinos, o Manual de Disciplina, o Documento de Damasco e a Guerra dos Filhos da Luz. Verá, então a importância fundamental que é dada à doutrina dos Dois Espíritos:

“Porque êle criou os espíritos da Luz e das Trevas e sôbre êles fundou tôda a Sua obra e todo o Seu serviço, nas Suas vias. A um dêesses espíritos, ama-o Deus por tôda a eternidade e todos os seus atos Lhe agradarão para sempre; ao outro, abomina-lhe a companhia e odeia as suas vias para sempre... Êsses dois espíritos encontram-se na origem de todos os seres humanos... Até agora, lutam, no coração do homem os espíritos da verdade e do êrro; caminham na sabedoria e no êrro” (**Manual de Disciplina**, III).

Numerosos são os temas teológicos que aparecem nos Hinos: predestinação, graça, perdão, poder e justiça de Deus, justificação, juízo e sanções, fim do mundo, etc... Em primeiro plano, destaca-se a noção de Conhecimento — **Gnose**. O piedoso essênio é um gnóstico; possui uma Revelação se-

creta, reservada aos eleitos. E' iniciado nos Mistérios — Mistérios maravilhosos — e êste conhecimento é princípio de sua salvação e fonte de sua alegria. A aparição desta gnose judaica está em relação histórica com o fenômeno geral da gnose da época helenística. Com freqüência, nos Hinos, o autor fala de **Aliança**; trata-se de fato, da seita da Aliança, da Nova Aliança judaica, isto é, da seita dos essênios. Muitas vêzes, faz alusão às virtudes fundamentais que ela prescreve, como: o desprêzo das riquezas e dos prazeres (X, 22, 32), a fidelidade ao juramento feito ao ingressar na seita (XIV, 17). Frases inteiras dos Hinos encontram-se igualmente no Manual de Disciplina, que servia de base para a direção das Comunidades da Ordem e para a formação dos novos membros. E' portanto claro e evidente que o Livro dos Hinos é um produto direto da seita de Qumrân, cuja doutrina e preocupações essenciais reflete. Pode-se mesmo afirmar que, do ponto de vista literário, representa a **jóia de tôda a literatura de Qumrân**.

4). — Data de sua elaboração. Autor.

Grosso modo, podemos localizar os Hinos entre o fim do II século a. C. e 70 d. C., pois que a Comunidade de Qumrân surgiu por volta de 200 a. C. e se dispersou em 68 de nossa era.

Em muitos dos Hinos, o autor se apresenta como o próprio **chefe** da comunidade dos eleitos, como o chefe da seita da Nova Aliança.

“De mim fizeste uma **bandeira** para os vários eleitos, e um intérprete do conhecimento dos maravilhosos mistérios” (II, 13, 14). “Por mim iluminaste os restos de um grande número e o reforçaste até ser quase impossível contá-los” (IV, 27).

O autor se proclama a “**bandeira**”, isto é, o sinal de reunião em tôrno do qual se congregam os eleitos e os santos; o “**Mestre**” que instrui os fiéis da Aliança e os inicia nos mistérios do Conhecimento.

“Eu te agradeço, Senhor, porque me tornaste ciente da Tua verdade e me deste a conhecer os Teus maravilhosos Mistérios” (VIII, 2, 6); o “**pai**” que cuida de seus filhos e os nutre: “E fizeste de mim um **pai** para os filhos da graça e como um pedagogo para os homens do signo;

e êles abriram a bôca como o recém-nascido para o seio materno (VII, 20, 22)”.

A fonte de água viva:

E tu, meu Deus, puseste na minha bôca como uma chuva de outono para todos os filhos do homem e um jô-ro de águas vivas que jamais estancarão” (VIII, 16). En-fim, é o **jardineiro** da plantação divina que é a sua Igreja: “E foi pela minha mão que lhes abristes a fonte, entre as águas correntes” (VIII, 21). “Graças te rendo, Senhor, porque me colocastes no sítio onde correm rios, em meio de uma terra árida, perto de uma fonte onde a água corre... Elas darão origem a um **ramo** para uma plantação eterna... Um ramo que aí há de crescer, servirá para alimentar todos os animais da floresta” (VIII, 4).

Em Q 18, 12 é patente a identidade do Mestre de Justiça:

“Para que sirva de intérprete nestas coisas para o que é pó como eu mesmo”.

O autor aqui se identifica ao servo e, por humildade, se diz “pó”, como qualquer de seus adeptos.

E’ evidente que estas palavras não podem ser de um simples membro da Aliança. Sukenik sugere que o autor das **Hodayot** possa ser o próprio Mestre de Justiça, personagem eminente que o Documento de Damasco e os Comentários bíblicos de Qumrân — sobretudo o Comentário de Habacuc — apresentam como o fundador e o legislador da seita, como o Profeta por excelência, cujo trágico destino e excepcional prestígio revelam. Esta hipótese pode ser aceita.

E’ fato que alguns hinos não se referem diretamente ao Mestre de Justiça, visto que, nêles, o **eu** se applicaria de preferência a uma personagem comum, e o **nós**, à própria comunidade.

“Então disse: Por causa dos meus pecados, vejo-me excluído da Tua Aliança” (IV, 35). Nos fragmentos 10, 18, 47, e 55, lemos: “E diante de tuas obras maravilhosas, que responderemos? (10) ...nosso ouvido (18)... em ti alegrar-nos-emos” (47)... “para que possamos abater o composto de orgulho e de soberba” (55).

Surge, então, um problema: os Hinos reunidos na mesma coletânea seriam todos de um único e mesmo autor? Se a resposta fôr afirmativa, é preciso atribuí-los ao Mestre de Justiça, pois é certamente o autor de muitos dêles. Se forem

vários os autores, a crítica literária dificilmente poderá afirmar quais sejam êles.

De qualquer forma, as **Hodayot** devem ser consideradas como uma obra antiga da seita, talvez de 100 a 63 a. C. — se forem do próprio Mestre de Justiça — ou um pouco posteriores, se de outros autores. São uma obra autêntica e profundamente marcada pela doutrina e pela personalidade do Mestre.

Assim considerados, os **Hinos** tomam aos olhos do historiador, um valor muito particular, focalizando essa personagem que seus adeptos colocavam tão alto e em quem devemos reconhecer **uma das maiores figuras da humanidade religiosa**, que nos deixou, quer diretamente, quer pelos seus discípulos, suas confissões místicas e como que seu testamento espiritual.

5). — O Mestre de Justiça.

Aparece êle com o tríplice aspecto de: Profeta, Homem das Dôres e Chefe da Comunidade essênia.

1. Profeta.

O Mestre de Justiça apresenta-se nos **Hinos** como:

“o intérprete cheio do Conhecimento dos maravilhosos mistérios” (II, 13). “Fizeste de mim um **preceito de verdade e entendimento** para aquêles cuja vida é reta” (II, 10). “Encheste-me o coração de sabedoria para que eu pudesse **abrir a fonte do Conhecimento** a todos os que compreendem” (II, 17, 18).

Êsse “intérprete”, versado nos Mistérios do Conhecimento, é o grande **Doutor da Gnose essênia** o Hierofante por excelência. E’ também o **Profeta da Verdade**; o Espírito de Deus está nêle:

“E eu **teu servo**... tu me favoreceste com o Espírito do Conhecimento” (XIV, 25). “Eu te agradeço, Senhor, porque me sustentaste com Tua fôrça e em mim espalhas-te o Teu Espírito Santo” (VII, 6, 7).

A expressão **teu servo** aparece nestes trechos com tal insistência que nos faz lembrar o “Canto do Servo de Yahwê” — do deutero Isaías — em que Yahwê assim apresenta o Profeta, seu Servo:

“Eis meu servo que eu amparo, meu eleito ao qual dou tôda a minha afeição, faço repousar sôbre êle meu Espírito para que leve às nações a justiça” (Is., 42, 1).

Muitos outros traços apresentam ainda os Hinos, lembrando o famoso “servo de Yahwê”.

Falando dos membros da seita reunidos em volta dêle, o Mestre de Justiça diz:

“aquêles que entraram na **minha** Aliança: “os que estão reunidos na tua Aliança” (IV, 24).

Se êle diz **minha** Aliança, é que êle se considera o chefe da Aliança divina. Eis como concebe sua **missão** de chefe:

“E foi por tua causa que me criaste, para cumprir a Lei e para instruir, pela minha bôca, os homens do teu conselho no meio dos filhos do homem... E tôdas as nações conhecerão a tua verdade, e todos os povos a tua glória. Pois tu os fizeste entrar na tua Aliança gloriosa, junto de todos os homens do teu conselho e junto com os anjos de tua Face...” (8) (VI, 10, 13).

Mostra êste importante trecho que sua missão é dupla: **restaurar a verdadeira Aliança de Israel** e também, **levar a salvação a tôdas as nações**.

Esta passagem sôbre a conversão dos Gentios e sua admissão na Aliança é de suma importância. E' interessante a analogia com o Servo de Yahwê:

“Não é suficiente que sejas meu Servo, **para restaurar as tribos de Jacó** e reconduzir os fugitivos de Israel; vou fazer de ti **a luz das nações**, para propagar minha salvação até os **confins do mundo**” (Is., 49, 6).

2. Homem das Dores.

Pelo “Comentário de Habacuc”, sabemos que o Mestre de Justiça foi perseguido pelo Sacerdote Ímpio, maltratado, supliciado.

Os Hinos nos mostram de modo singularmente vivo e concreto, suas lutas incessantes, seus dissabores e as perseguições de seus inimigos. Aparece-nos como um homem constantemente contradito e oprimido, obrigado a abandonar sua terra, seus parentes e amigos:

(8). — Ver também Q., XVIII, 12, 13, 14.

“...porque me expulsam de meu país como a uma ave de seu ninho e todos os meus amigos e vizinhos se afastaram de mim, considerando-me como um vaso quebrado” (IV, 8, 9). “...não me abandonaste, quando eu estava exilado, no meio de um povo estrangeiro” (V, 5).

Foi traído até pelos seus:

“...Fui um objeto de inveja e de cólera para aqueles que tinham entrado na minha Aliança” (V, 23).

Mas, no meio de suas provações, o Mestre de Justiça sente-se amparado por Deus; sua coragem é intrépida, firme a sua confiança no auxílio de Deus:

“Forte me tornaste, à frente das batalhas contra a iniquidade; em tôdas as ruínas que são obra sua, nunca te voltaste desencorajado de tua Aliança. De mim fizeste uma sólida tórre, como um muro bastante alto...” (VII, 7, 8).

Nunca se desespera; jamais se cala, quando tem uma mensagem a transmitir. Mesmo sob os golpes da adversidade, sabe que

“Deus nêle manifesta o seu poder” (IV, 8).

Não é apenas resignado, mas cheio de alegria:

“Aceito as minhas provações, porque me fio no teu inquebrantável amor” (IX, 10).

“Meu castigo tornou-se para mim alegria e júbilo e os golpes que me atingiram eram uma cura eterna e uma felicidade sem fim. O desprezo de meus adversários tornou-se para mim uma corôa de glória” (IX, 24, 26).

Magnífica esperança lhe enche a alma. Como o Servo de Yahwê, êle sabe que

“sua causa está nas mãos do Senhor e em Deus está depositada a sua esperança (Is., 49, 4) e espera confiante a libertação e a vitória definitiva. “O Teu poder a respeito de mim há-de manifestar-se perante os filhos dos homens, porque o teu inquebrantável amor me sustém” (II, 25).

E’ a luminosa transfiguração do Mestre. O Chefe da Comunidade dos Filhos da Luz não sômente “verá a luz”, mas “tornar-se-á luz”.

“E eu serei resplandecente de luz sete vêzes (9), no Eden que criaste para Tua glória” (VII, 24).

Nas humilhações e sofrimentos do Mestre, está o mais profundo dos Mistérios:

“...esconde o seu segredo para que ninguém o suponha sequer; sem ninguém o conhecer, êle o sela com o mistério” (VIII, 11).

Quis Deus que, nas dores e no sofrimento, o Mestre edificasse a sua gloriosa Igreja.

3. O chefe da Comunidade essênia.

E' à sua Igreja que o Mestre alude, quando diz:

“Estabeleceste a minha morada num rochedo e deste aos meus alicerces bases eternas; todos os meus muros são uma cintura experimentada que jamais se partirá” (VII, 8 9).

O Mestre diz “minha morada”, porque essa igreja é obra sua e também porque a ela, de certa maneira, êle se identifica. Em outros lugares, êle a chama “Ramo, rebento”:

“Elas — as árvores da vida — darão origem a um ramo para uma plantação eterna...” (VIII, 6).

Este Ramo ou rebento é o Nsr de Isaías 11, 1: “é um rebento brotará de suas raízes”.

Ao tema do “Rebento” prende-se igualmente o da “Plantação eterna”, cujo “Jardineiro” é o próprio Mestre de Justiça. Graças a seus cuidados, ela cresce e prospera; abandonada por êle, definha e morre.

Mas o Mestre é mais ainda que o Jardineiro que prepara

“canais que irrigam um jardim de delicias, plantado de cedros, de acácias e pinheiros que se alteiam para a Tua glória, árvores de vida, perto de uma fonte misteriosa...” (VIII, 4, 6).

E' o Mestre que, do interior,

“faz germinar um ramo santo para uma plantação de verdade” (VIII, 10): Ele é a seiva, êle é a própria vida da Igreja, da sua Igreja.

(9). — Ver também Is., 30, 36 e Mc., 9, 3.

Ele é a seiva, êle é a própria vida da Igreja, da sua Igreja. Com as **Hodayot**, penetramos na espiritualidade qumrânica, no que ela tem de mais característico, de mais comovedor. Profundamente imbuído do Antigo Testamento, o autor sofreu influências de correntes literárias pouco conhecidas. Exprime o drama de sua missão e destino, as lutas de uma alma diante de Deus, com vibrações de sensibilidade que lhe merecem o título de "lírico". Mas essas efusões individuais não são individualistas. São essencialmente comunitárias visto que a experiência de um só podia ser cantada por todos, porque todos podiam reconhecer-se nelas.

6). — **Hodayot — alimento espiritual dos essênios.**

Profundamente inspirado, o autor dos Hinos soube encontrar palavras humanas para celebrar os louvores divinos. São êles uma lira multicolorde em que cada monge podia despertar os acordes que lhe vibravam na alma. Com efeito, elevam a alma do contemplativo até Deus, excitando-lhe afetos de piedade, de ações de graças de confiança, de compunção, trazendo-lhe o consôlo nas aflições e na dor.

Sua confiança em Deus assim se expressa:

"Tu és misericordioso em teus juízos e justo em tôdas as tuas obras" (I, 6). "Eu te agradeço, ó Senhor, porque o teu olhar vigia a minha alma, e me salvaste da inveja dos intérpretes da mentira e do convívio dos que buscam a lisonja" (II, 31).

Ante o **poder de Deus**, admira-se e exclama:

"...e nada se conhece sem a tua vontade" (I, 8). "E foste tu que desdobraste os céus para a tua glória" (I, 10). "E por tua vontade, tudo se fêz; sem ti nada se faz" (I, 20). "O' tu, que és o Deus de tôda a ciência, a ti pertencem tôdas as obras de justiça e os preceitos da verdade" (I, 26).

Mas o monge é homem,

— "E que é o homem? Simples lôdo, ou punhado de argila que volve ao pó" (X, 3).

Ele, então, confessa sua fraqueza e se humilha de suas faltas:

"Eu, porém, não passo de uma coisa feita de barro e amassada com água, e companheiro da fraqueza e fonte

de impureza, fornalha de iniquidades e carcaça do pecado, princípio do erro, pervertido, sem entendimento e aterrorizado ante os juízos equitativos!" (I, 21). "Como há-de, pois, o homem proceder para dar conta dos seus pecados e como há-de advogar as suas iniquidades? Que pode êle responder acêrca do julgamento da verdade?" (I, 25).

A **caridade fraterna** lhe inspira palavras que desculpam:

"Mas não sabiam — os intérpretes da mentira — que os meus passos eram guiados por ti" (II, 33). "Não sabem êles — os opressores — que tu me formaste e que o teu inquebrantável amor me há-de salvar".

E porque os ama, lamenta a sua cegueira:

"Êles, porém, trocaram-nos pelos lábios incircuncisos e pela língua estrangeira de um povo que nada compreende, para que seu erro fôsse a causa de sua perda" (II, 18, 19).

Contudo, a nota característica das **Hodayot** é, sem dúvida, o **louvor**, a ação de graças, que se expressa com palavras ardentes e sinceras:

"Eu te agradeço, ó Senhor, por teres colocado a minha alma no casulo da vida e me teres protegido contra tôdas as armadilhas da fossa" (III, 19). "Eu te agradeço, ó Senhor, porque me sustentaste com a tua fôrça e em mim espalhaste o Teu Espirito Santo" (VII, 6). "Eu te agradeço, ó Senhor, porque me tornaste ciente da tua verdade..." (VII, 26). "Graças te rendo, Senhor, porque me colocaste no sítio onde correm rios, em meio de uma terra árida" (VIII, 4). "Graças te dou, ó Senhor, por teres feito maravilhas com o pó; com um Locado de argila, fizeste obra poderosa".

O hino da coluna XII é um vibrante apêlo a louvar a Deus, em todos os tempos e traduz a alegria sem par pelo Conhecimento dos "maravilhosos desígnios".

"Quero louvar o teu nome entre todos os que te temem, através dos meus cânticos de ações de graças e das minhas orações, aniquilado e súplice, sem tréguas, através do tempo, na chegada da luz a sair das suas moradas, durante o seu curso diário, na ordem que Ihe foi fixada, segundo os decretos da máxima Luz, no comêço do reino das trevas, na hora fixada para a noite em que se junta,

em sua morada, antes da chegada da luz, ao findar da noite e ao começar do dia, continuamente, em tôdas as gerações dos tempos, nos fundamentos dos períodos e no decorrer das estações, na ordem que lhe foi fixada, e com todos os sinais que lhes marcam o poder, nessa ordem que lhes foi firmemente fixada pela bôca de Deus, pelo testemunho daquele que é. E assim será e nada mais há-de ser, e fora disso nada foi, nem será jamais, porque o Deus do conhecimento o estabeleceu e não há outro além dêle. Mas eu possuo a sabedoria e conheço-Te, meu Deus; pelo espírito que me insuflaste e que é digno de confiança, eu dei ouvidos aos teus maravilhosos desígnios” (XII, 4 a 12).

Este salmo também é interessante, porque descreve o ciclo do dia, depois o das estações anuais. A importância dada aos ciclos dos tempos é uma característica da mística qumrânica. Os essênios oravam sobretudo, ao nascer e ao pôr do sol e seu calendário religioso diferia do dos demais judeus, principalmente porque se baseava na divisão do ano em 4 estações iguais, de 3 meses cada uma.

7). — As “Hodayot” e o Antigo Testamento.

Dissemos que os Hinos qumrânicos apresentam grande analogia não só com os salmos canônicos, mas também com Isaías, Jeremias e Jó.

O parentesco com Isaías é patente, sobretudo no “Canto do Servo de Yahwê” de que já fizemos menção. Comparemos ainda:

“Yahwê me chamou desde o meu nascimento, ainda no seio de minha mãe êle pronunciou o meu nome” (Is., 49, 1). “Pois desde meu pai tu me conhecestes e ainda no seio de minha mãe me fundaste” (IX, 30).

E Jeremias:

“Antes que no seio de tua mãe fôsses formado, eu já te conhecia” (1, 5).

Sobre a Aliança:

“Eu te formei e designei para seres a aliança com os povos” (Is., 42, 6; 39, 8). “Tôdas as gerações conhecerão a tua verdade e todos os povos a tua glória, porque tu os fizeste entrar na tua Aliança gloriosa” (VI, 12)

Os “Reservatórios celestes” falam do poder de Deus:

“Reune as águas do oceano como dentro de um odre, coloca as ondas em reservatórios” (Sl., 32 (33) 7). “Penetraste nos depósitos da neve? visitaste os armazéns dos granizos...” (Jó., 38, 22). “E os reservatórios providenciais conforme sua função e a neve e o granizo, segundo leis misteriosas” (I, 1, 13).

Como é bela esta **confiança** e **gratidão**:

“Eu te agradeço, Senhor, por teres colocado a minha alma no casulo da vida” (I 20). “...A alma de meu Senhor será guardada no escrínio dos vivos, junto do Senhor, teu Deus” (I, Sam., 25, 29).

Curiosa semelhança, quando falam dos inimigos enviados por Yahwê para castigar os judeus infiéis:

“Colocaste-me numa morada com grande número de pescadores, lançadores de rêdes na superfície das águas e de caçadores dos filhos do êrro” (V, 8). “Vou mandar pescadores em grande número para que pesquem. Depois enviarei numerosos caçadores para que cacem pelas montanhas e colinas... porquanto suas iniquidades não se podem esquivar a meus olhos” (Jer., 16, 16).

Referindo-se a Deus, o mesmo têrmo: Herói:

“E o Herói retesará seu arco e êle levantará o cêrco (VI, 30). Tal como um Herói gbvr, o Senhor avança, como um guerreiro êle desperta o seu ardor” (Is., 42, 13). O Senhor teu Deus está no meio de ti como Herói gbvr Salvador!” (Sof., 3, 17).

Em Qumrân VII 12, o Mestre de Justiça considera a atitude de fé ou de incredulidade, que para com êle tiverem, como a **pedra de toque** que distinguirá os eleitos dos condenados, no dia do Juízo:

“Os lábios de mentiras se hão-de calar, pois tu hás-de condenar todos os que me atacaram em juízo, separando, segundo penso, os justos dos maus” (V., 12). “E vereis de novo como há uma diferença entre justo e ímpio, entre quem serve a Deus e que não o serve” (Malaq., 3, 18).

E', sem dúvida, inspirado em Malaquias que o autor dos **Hodayot** assim fala:

“E fizeste de mim um pai para os filhos da graça e como um pedagogo para os homens do signo” (VII, 21). “Ouvi, ó Josué, Sumo Sacerdote... os preságios: Vou fazer vir o meu servo **Germen**” (Zac., III, 8).

Zacarias prediz aqui a vinda do Messias e o saúda sob o nome simbólico de **Germen**

Parece-nos ouvir o eco da voz de **Moisés**, proclamando a majestade e santidade de Deus:

“Quem, ó Senhor, se te assemelhará entre os deuses? Quem há que possa assemelhar-se à Tua Verdade?” (VII, 28). “Quem, entre os deuses, é semelhante a Vós, ó Senhor? Quem é semelhante a Vós, glorioso em santidade?” (Ex., 15, 11).

Quanta **esperança** há, neste paralelo:

“E colocaste, ó Senhor, em minha bôca... um jôro de águas vivas que jamais estancarão” (VIII, 16). “Serás como um jardim bem irrigado, como uma fonte de águas inexgotáveis!” (Is., 58, 11).

A mesma expressão reaparece em **Q**, VIII 18. Os gritos de **sofrimento** do Mestre de Justiça fazem pensar em **Jó**:

“E meu braço separou-se de seus ligamentos, sem poder mexer a mão” (VIII, 33). A mesma expressão em VIII, 2. “Que meu ombro caia de minhas costas, que meu braço seja arrancado do cotovelo!” (**Jó**., 31, 22).

Muitos e muitos outros trechos poderiam ser aqui citados, para provar a fonte inspirada do autor dos Hinos.

8). — As “**Hodayot**” e o **Nôvo Testamento**.

Não menos numerosas são as concordâncias com o **Nôvo Testamento**.

Louvando a criação divina:

“Pois sem ti nada se fêz e nada é conhecido sem a tua vontade” (I, 8). E **São João**, I, 3: “Tudo foi feito por Ele, e sem êle nada foi feito”.

O Mestre de Justiça foi para uns ocasião de queda, para outros instrumentos de salvação:

“Eu não passava de uma armadilha para os pecadores, mas era também a cura daqueles que se arrependiam de ter pecado” (**Q**., II, 8).

No Templo, Simeão disse a Maria, mãe de Jesus:

“Eis que este menino está destinado a ser uma causa de queda e de soerguimento para muitos em Israel e um sinal de contradição” (Lc., 2, 34).

Falando de seus sofrimentos e da traição dos seus, diz o Mestre de Justiça:

“E todos aqueles que partilhavam do meu pão contra mim levantaram o calcanhar”.

São Marcos em 14, 18 cita de Jesus as palavras:

“Em verdade, vos digo, um de vós que come comigo me há-de entregar”.

São João em 13, 18, citando o salmo 40, 10 diz:

“Aquele que come pão comigo levantou contra mim o seu calcanhar”.

Fácilmente podemos relacionar o **Q**, VI 28 com **São Mateus**:

“E nenhuma horda nela penetrará com suas armas, até que se cumpra todo o decreto relativo aos combates da impiedade”.

E na célebre confissão de São Pedro...

“e as portas do inferno não prevalecerão contra ela (minha Igreja)”.

De fato, a Igreja dos eleitos deve servir de refúgio inexpugnável durante as guerras, que, no fim dos tempos, o poder das trevas moverá contra os filhos da Luz.

Sobre a **glória da Jerusalém** celeste, lemos em **Q**, VI 25:

“Pois és para mim um luzeiro eterno”

e no **Apocalipse**, 21, 23 e 22, 5:

“A cidade — a Jerusalém celeste — não necessita de sol nem de lua para iluminá-la, porque a glória de Deus a ilumina e a sua luz é o Cordeiro”. Já não haverá noite nem se precisará da luz de lâmpada, ou do sol, porque o Senhor Deus a iluminará”.

Não menos inspirado, assim descreve **Isaías** (66, 19 e 20), a glória da Nova Jerusalém:

“Não terás mais necessidade de sol para te alumiar, nem de lua para te iluminar; permanentemente, terás por luz o Senhor e teu Deus por resplendor. Teu sol não mais se deitará, tua lua não terá mais declínio, porque terás constantemente o Senhor por luz...”.

No mesmo espírito do “Apólogo do Cedro”, de Ezequiel, e do “Sonho da árvore”, de Nabucodonosor, em Daniel, e da “Parábola do Grão de Mostarda” em São Mateus, o autor dos Hinos, na “Alegoria do Rebento”, escreve:

“Um ramo que aí há-de crescer servirá para alimentar todos os animais da floresta; o pé da árvore será pisado por todos os que passarem, e seus ramos roçados por todos os séres alados” (Q., VIII, 9). “Em seus galhos se aninhavam tôdas as aves do céu; sob os seus ramos se abrigavam todos os animais dos campos...” (Ez., 31, 6). “A folhagem era bela e seus abundantes frutos forneciam a todos o que comer. À sua sombra, abrigavam-se os animais terrestres, nos seus ramos permaneciam os pássaros do céu e tôda criatura tirava dela o seu sustento” (Dan., 4, 9). “E esta é a menor de tôdas as sementes, mas quando cresce, torna-se um arbusto maior que tôdas as hortaliças, de sorte que os pássaros vêm aninhar-se em seus ramos” (Mt., 13, 32).

Cada um dos eleitos se tornará, como o próprio Mestre de Justiça, uma fonte de águas vivas:

“De repente, êles hão de jorrar, êles que estavam ocultos no segrêdo, e correrão como rios de águas permanentes” (Q., VIII, 18).

E’ a mesma figura da “água viva”, do episódio da Samaritana:

“mas o que beber da água que eu lhe der jamais terá sede. Mas a água que eu lhe der virá a ser nêle fonte de água que mana para a vida eterna” (Jo., 4, 14).

E’ interessante notar em Jo., 7, 37 e 38, que Nosso Senhor diz:

“Se alguém tiver sede, venha a mim e beba. Quem crer em mim, como diz a Escritura: do seu interior manarão rios de água viva”.

Ora, êste trecho citado pelo evangelista não foi encontrado na Bíblia canônica, embora queiram alguns vê-lo em **Bac.**, 14, 8 e **Is.**, 58, 11.

Para terminar, vejamos como se fará a difusão da Boa Nova —

Em Q., XVIII 14, 15 — lemos:

...“a fim de que seja conforme a tua verdade, aquê-
le que anuncia a boa nova no tempo da tua bondade, evan-
gelizando os humildes segundo a abundância da tua mi-
sericórdia... consolando os contritos de espírito e os afli-
tos”.

E Lucas 4, 18 e 19:

“Foi-lhe dado o livro do profeta Isaías. Desenrolan-
do-o, escolheu (Jesus) a passagem (61, 1 e 2) onde estava
escrito: “O Espírito do Senhor está sôbre mim, pelo que
me ungiu e enviou-me para anunciar a boa nova aos po-
bres, para sarar os contritos de coração”.

Mais adiante (7, 22) diz ainda São Lucas:

“Respondeu-lhes Jesus: “Ide anunciar a João o que
tendes visto e ouvido; os cegos vêem, os coxos andam, os
leprosos ficam limpos, os surdos ouvem, os mortos res-
suscitam, aos pobres é anunciado o Evangelho”.

* *

D). — ESSENISMO E CRISTIANISMO.

As descobertas qumrânicas trouxeram informações das
mais importantes sôbre o meio político, social e religioso da
época em que apareceu o Cristianismo. Explicaram expres-
sões e comparações encontradas no Nôvo Testamento, até en-
tão, obscuras para muitos.

Tão profunda e tão sublime era a doutrina dos monges
essênios, que alguns quiseram identificá-la com o Cristianis-
mo.

Há, contudo, um profundo abismo entre o ideal dêsses pie-
dosos judeus de Qumrân e o dos cristãos. Vejamos, num rá-
pido paralelo:

1). — As semelhanças e as discrepâncias.

1). — Semelhanças:

A. — Caridade fraterna.

Manual de Disciplina.

Nôvo Testamento.

“Que ninguém fale a seu irmão com cólera e ressentimento, ou com	“Todo aquê- tra seu irmão, será castigado pe-
---	--

insolência, dureza ou perversidade; e que ninguém o odeie na loucura do seu coração. No momento próprio, será repreendido e deixará de arrastar o pêso do seu erro; e nenhum homem deve acusar o seu próximo perante os chefes sem primeiramente o haver repreendido diante de testemunhas” (Mt., 5, 22). “Se teu irmão tiver pecado contra ti, vai e repreende-o entre ti e êle sòmente; se te ouvir, terás ganho teu irmão. Se não te escutar, toma contigo uma ou duas pesosas a fim de que tôda a questão se resolva pela decisão de duas ou três testemunhas. Se recusa ouvi-los, dize-o à Igreja” (Mt. 18, 15 a 17).

B. — A espera do Senhor.

...“e êles irão para o deserto preparar o caminho do Senhor, como se acha escrito: “Preparai no deserto o caminho do Senhor e aplainai, na estepe, um caminho para o nosso Deus” (Is., 40, 3). (Mt. 3, 1 a 3). “Naqueles dias apareceu João Batista, pregando no deserto da Judéia... Êste é aquêle de quem falou o profeta Isaías quando disse: “Uma voz clama no deserto: Preparai o caminho do Senhor” (Is., 40, 3). (Mt. 3, 1 a 3).

2). — Discrepâncias:

A. — A caridade fraterna.

Embora a Regra da Comunidade essênia prescrevesse a prática da caridade fraterna, impondo sérios castigos aos que a transgrediam, êsse amor sofria restrições.

“Eis as regras para o instrutor nesses tempos, para o seu amor e o seu ódio, ódio eterno para com os homens da fossa...”.

Influência, talvez, dos povos vizinhos onde vigorava a lei do talião.

O Cristianismo sublimou êste amor ao próximo, conforme lemos no Sermão da Montanha (Mt., 5).

O essênio, querendo preservar o tesouro de sua fé e de sua moral, separa-se dos demais:

Isolamento doutrinal:

“Nenhum homem da Comunidade deverá responder quando o interrogarem acêrca de uma lei ou de um preceito... Não deverá nem repreender os homens da fossa, nem com êles discutir porque o sentido da Lei deve ser escondido aos homens do erro”.

Quão diversa é a atitude prescrita por **São Pedro** (1 Pd., 3, 15):

“...a todo aquêlé que vos perguntar a razão da vossa esperança, fazei-o com suavidade e respeito”.

O isolamento material do essênio:

...“e que ninguém coma ou beba nada do que eles possuem”.

contrasta com a vida fraterna com todos, ensinada por Jesus que “come e bebe com os publicanos”, como nos diz o Evangelho.

Quanto ao amor dos inimigos, o Manual de Disciplina trouxe um esclarecimento precioso. No célebre Sermão da Montanha (Mt., 5, 43 a 45), lemos:

“Tendes ouvido o que foi dito: Amarás o teu próximo e odiarás o teu inimigo. Eu, porém, vos digo: Amai vossos inimigos, fazei bem aos que vos odeiam, orai pelos que vos perseguem e maltratam. Dêste modo sereis os filhos do Vosso Pai do Céu”.

Ora, esta passagem do Evangelho preocupou durante muitos séculos os estudiosos que não encontravam na Bíblia esse mandamento relativo aos inimigos. Em que se baseava Jesus para assim afirmar?

E aqui está a resposta:

“Para amarem tudo o que Deus escolheu e odiarem tudo quanto desprezou; para amarem todos os filhos da luz... e odiarem todos os filhos das trevas” (M. D.).

Semelhante atitude parece estranha nos piedosos essênios mas pode se explicar pela época em que viviam, pelos tempos calamitosos que atravessavam. O inimigo, representado pelo invasor pagão e pelo ímpio, era tão perigoso e tão nefasto que só podia ser objeto de ódio e de condenação.

Quão diversa é a linguagem das Maldições do Manual de Disciplina e das bênçãos do Nôvo Testamento:

Maldições:

“E os levitas amaldiçoarão todos os homens do partido de Berseis e dirão: Maldito sejas tu em tuas obras culpadas e ímpias. Que Deus te transforme num objeto

Bênçãos:

“Não julgueis e assim não sereis julgados” (Mt., 7, 11). “Sede misericordiosos, como também vosso Pai é misericordioso” (Ls., 6, 36). “Não pagueis mal com mal,

horrendo... Que Deus não tenha piedade de tuas súplicas e não te perdoe, desculpando-te as iniquidades. Que volte para ti, por vingança, a Sua face irritada...".

nem injúria com injúria. Ao contrário, abençoai, pois para isto fostes chamados para que sejais herdeiros da bênção" (1 Pd., 3, 9). "Abençoai os que vos perseguem; abençoai-os e não os amaldiçoeis" (Rom., 12, 14).

B. — A espera do Senhor.

Virão mensageiros celestes:

...“mas que julguem segundo os primeiros preceitos pelos quais os homens da Comunidade foram, de início, disciplinados, até que surjam um profeta e os messias de Aarão e de Israel”.

O Messias está aí:

“João declarou: Vi o Espírito descendo do céu em forma de uma pomba e repousar sobre ele... Dou testemunho que é ele, o Eleito de Deus: Eis o Cordeiro de Deus” (Jo., 1, 32 a 36).

Portanto, apesar das múltiplas semelhanças, é impossível reconhecer na Comunidade dos monges do Mar Morto um grupo de judeus-cristãos.

As conclusões fornecidas pelo estudo arqueológico do local — Qumrán — assim como pelo estudo paleográfico dos manuscritos, opõem-se a tal identificação.

No seu conjunto, os escritos de Qumrán são anteriores à era cristã e a seita dos essênios surgiu, igualmente, um século antes.

Os escritos de Qumrán não são cristãos e o Mestre de Justiça não é Jesus, como queriam alguns.

2). — Influências possíveis ou inexistentes, do Essenismo sobre os diversos momentos do fenômeno cristão.

E' possível estabelecer 3 etapas nas complexas relações entre os manuscritos de Qumrán e as origens do Cristianismo:

A primeira é o estágio pré-cristão, a integração de João Batista, antes de sua vocação própria, no meio de Qumrán.

A segunda é a conversão ao Cristianismo de sacerdotes de Sadoc — nome por que se designavam os monges de Qumrán, em Jerusalém — depois de Pentecostes e a marca que deram ao Cristianismo siríaco.

A terceira é a entrada no Cristianismo de numerosos essênios, no momento de sua dispersão, em 70.

Pode-se, contudo, perguntar: “Por que os essênios nunca são citados nos Evangelhos”? A razão parece ser a seguinte:

Para Jesus, êles correspondem aos “verdadeiros israelitas, aos pobres de Israel”.

Como prova dos contactos que Jesus teve com os essênios, temos o fato de que o Mestre e seus discípulos seguiam o calendário de Qumrân e que o Cristo teria celebrado a Ceia na véspera da Páscoa, segundo o calendário essênio; enfim, a própria ordenação da Ceia lembra as refeições de Qumrân.

Assim, possibilitando-nos o conhecimento do meio imediato onde nasceu o Cristianismo, as descobertas do Mar Morto trazem solução a um sem número de problemas que a exegese não conseguia resolver.

Pode-se, portanto afirmar que esta descoberta é a mais sensacional que jamais foi feita.

*

* *

BIBLIOGRAFIA

- Burrows (Millar). — **Os documentos do Mar Morto**. Tradução de Teixeira de Aguiar. Pôrto Editôra Ltda. 1956.
- Caspi (Zvi M. A.). — **A língua dos rolos do Mar Morto em comparação com a língua da Bíblia**. Tese de doutoramento. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo. 1964.
- Danielou (Jean). — **Les manuscrits de la Mer Morte et les origines du Christianisme**. Ed. de l'Orante. 1957.
- Daniel-Rops. — **La vie quotidienne en Palestine au temps de Jésus**. Hachette. 1961.
- Doubnov (Simon). — **Précis d'histoire juive**. Tradução de I. Pougatch. Ed. Service Técnico pour l'Education. 1963.
- Dupont-Sommer. — **Semítica VII — Le Livre des Hymnes découvert près de la Mer Morte (1 Q. H.)**. Librairie d'Amérique et d'Orient. Adrien-Maisonneuve. 1957.
- Dupont-Sommer. — **Les Manuscrits de la Mer Morte 4 (aperçus préliminaires)**. Lib. A. Maisonneuve. 1950.
- Dupont-Sommer. — **Les Manuscrits de la Mer Morte. 5 (nouveau aperçus sur)**. 1952.
- Jaubert (Annie). — **La notion d'alliance dans le Judaïsme aux abords de l'ère chrétienne**. Ed. du Seuil. 1963.
- Laperrousaz (E. M.). — **Les manuscrits de la Mer Morte**. Coleção “Que sais-je?”. 1961.
- Levie (Jean). — **A Bíblia, mensagem de Deus em palavras humanas**. Edições Paulinas. 1963.

- Mehlmann OSB (D. João). — **História da Palestina nos tempos do Novo Testamento**. XXIII Coleção da "Revista de História", sob a direção de E. Simões de Paula. 1961.
- Pinkuss (Frederico). — **O caminho de Israel através dos tempos**. Separata da Revista do Arquivo, n.º C. 1945.
- Ricciotti (G.). — **Histoire d'Israël**. Tomo II. Tradução de Paul Auvray. Edição de A. J. Picard. 1963.
- Robert (A.)' et Tricot (A.). — **Initiation biblique**. Desclée & Cia. 1948.
- Rolla (Armando). — **A Bíblia e as últimas descobertas**. Edições Paulinas. 1961.
- Roth (Cecil). — **Pequena história do Povo Judeu**. Tradução E. Corinaldi. Fundação F. Pinkuss. 1962.
- Bíblia Sagrada. — Tradução de Maredsous. Edição "Ave Maria". 1961.
- Revistas — **Bible et Terre Sainte** n.º 4, 1957. Maison de la Bonne Presse. Artigos de: Mr. l'Abbé Starcky e Mr. l'Abbé Milik.
Fêtes et Saisons: Les Manuscrits de la Mer Morte n.º 120, 1957.
- Revista de Cultura Bíblica** — O mais curioso dos mares. Pe. Joaquim Salvador S.D.B., 1963.

Irmã ISABEL SAMPAIO WILKEN
Licenciada em Letras Clássicas. Aluna do Curso de
Estudos Orientais (Hebraico).